

**Nosso programa também é
alfabetização e cultura: O *Teatro
Experimental do Negro* e o *Jornal
Quilombo – vida, problemas e
aspirações do negro* na literatura e**

*Our program is also literacy and culture:
Teatro Experimental do Negro and Jornal
Quilombo - black life, problems and aspirations
in intellectual culture and literature Brazilians'
black (1948-1950)*

Denilson Lima Santos*

Universidade da Integração Internacional da
Lusofonia Afro-Brasileira

*Doutor em Estudos Literários (Universidade de Antioquia, Medellín, Colômbia). Professor Adjunto da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidade e Letras, Campus dos Malês. E-mail: denilsonlimas@unilab.edu.br

Resumo

Esse ensaio é um diálogo a partir dos textos, referentes ao *Teatro Experimental do Negro* (TEN), publicados no jornal *Quilombo* (1948-1950). Ressalta-se que a produção estética no periódico, mencionado acima, se insere no contexto da construção de uma rede intelectual negra, proposta por Abdias do Nascimento — fundador das duas instituições supracitadas. Além disso, o grupo de teatro fundado por Nascimento teve um papel proeminente na sociedade brasileira, pois revelou talentos artísticos e fomentou a discussão sobre a participação da população negra na sociedade brasileira por meio da educação. Nesse sentido, abordamos o projeto TEN como aquele que se ocupou, não somente da formação teatral de homens e mulheres negros, mas proporcionou-lhes um espaço para a alfabetização e aprimoramento cultural. Ademais, juntamente com o jornal supracitado, o grupo teatral dos anos 40 do século passado, oportunizou aos trabalhadores de serviços gerais e às empregadas domésticas aulas de cultura e estéticas africanas e afro-brasileiras. Diante disso, para discutir o papel do TEN na sociedade brasileira, nesse texto, utiliza-se algumas categorias teóricas como intelectual e sua função social, bem como a noção de teatro negro no processo de formação alfabetizadora de adultos. Assim, a partir das análises dos textos jornalísticos e testemunhos de escritoras e escritores, observa-se como a *intelligentsia* negra conseguiu construir uma rede de colaboração que consolidou suas ideias políticas, estéticas e epistemológicas no século XX.

Palavras-chave

Teatro Experimental do Negro; Literatura; Alfabetização; Cultura; Intelectuais.

Abstract

This essay is a dialogue based on the texts, referring to *Teatro Experimental do Negro* (TEN), published in the newspaper *Quilombo* (1948-1950). You can see that the aesthetic production in the journal, mentioned above, is inserted in the context of the construction of a black intellectual network, proposed by Abdias do Nascimento - founder of the two institutions. In addition, the theater group founded by Nascimento had a prominent role in Brazilian society, revealed artistic talents and fostered discussion about the participation of the black population in society of Brazil through education. In this sense, we approached the TEN project as one that engaged, not only in the theatrical training of black men and women, but also provided them with a space for literacy. In this similar way, together with the above-mentioned newspaper, the theatrical group, from the 40s of the last century, provided African and Afro-Brazilian cultural and aesthetic classes with workers and domestic servants. Therefore, some theoretical categories are used in this text, such as intellectual and their social function, as well as the notion of black theater in the process of adult literacy training. Thus, from the analysis of journalistic texts and testimonies of female writers and writers, it is observed how the black intelligentsia managed to build a collaboration network that consolidated their political, aesthetic and epistemological ideas in the 20th century.

Keywords

Teatro Experimental do Negro; Literature; Literacy; Culture; Intellectuals.

Recebido em 27 de outubro de 2020

Aprovado em 11 de dezembro de 2020

SANTOS, Denilson Lima. Nosso programa também é alfabetização e cultura: O Teatro Experimental do Negro e o Jornal *Quilombo* – vida, problemas e aspirações do negro na literatura e na cultura intelectual negro-brasileiras (1948-1950). *Léguas & Meia*, Brasil, n.11, v. 2, p. 50-63, 2020.

1 Notícias do TEM

A nossa perspectiva aqui é analisar as notícias sobre o Teatro Experimental do Negro (TEN) no jornal *Quilombo – vida, problemas e aspirações do negro* ambos fundado por Abdias do Nascimento (1914-2011). Além disso, observamos, nas tramas do texto, como se desenvolve a notícia sobre a alfabetização de adultos, bem como a luta pela sobrevivência da cultura e das artes negras representadas no teatro. Em outras palavras, perceberemos como um coletivo de mulheres e homens negros consegue se articular com outros e outras intelectuais em prol de um projeto emancipador.

Ressaltamos que esse importante momento da cultura negra brasileira foi fundamental para fomentar e revelar sujeitos que tiveram um papel relevante nas artes dramáticas do nosso país. Desde o idealizador, Abdias do Nascimento, até atrizes reconhecidas nacionalmente, tais como, Ruth de Souza e Léa Garcia, podemos perceber que a trajetória do povo negro no teatro foi de conquista de espaços e reafirmação da cultura plural do Brasil. Dentro desse viés, houve um tom político tanto na formação profissional quanto na divulgação de suas produções teatrais.

Sobre Abdias do Nascimento (1914-2011), paulista de Franca, pode-se dizer que foi ativista do Movimento Negro, economista de formação, artista plástico, escritor, ator, político e sociólogo. Além de fundar o Teatro Experimental do Negro, publicou obras que são reflexões sobre as relações raciais no Brasil. Ante sua produção escrita, podemos destacar: *O Genocídio do Negro Brasileiro* (1978); *Jornada Negro-Libertária* (1984); *Orixás: os Deuses Vivos da África* (1995); entre outras.

Ao trilhar esse caminho desenhado nas linhas acima, esse ensaio pretende interpretar, a partir do jornalismo impresso durante a primeira metade do século XX, os dramas e os obstáculos pelos quais o povo negro passou para ter direitos políticos e culturais. No Editorial do número 1 do jornal *Quilombo*, Abdias do Nascimento evidencia isso, ao assinalar:

Nós saímos — vigorosa e altivamente — ao encontro de todos aqueles que acreditam, — com ingenuidade ou malícia —, que pretendemos criar um problema no país. A discriminação de cor e de raça no Brasil é uma questão de fato (Senador Hamilton Nogueira). Porém a luta de QUILOMBO não é especificamente contra os que negam os nossos direitos, senão em especial para fazer lembrar ou conhecer ao próprio negro os seus direitos à vida e à cultura (NASCIMENTO, 2011 [1948], p. 1)

As palavras iniciais do jornal já apontam o compromisso político e cultural do grupo que foi fundado em 13 de outubro de 1944. Havia, no cenário social da época, rumores que o TEN estaria fomentando e criando problemas que não existiam no Brasil. A mentalidade da época, inclusive nos meios acadêmicos, era a de um país onde reinava a democracia racial, fato que estudiosos e intelectuais negros e não negros iriam desconstruir ao advir dos anos.

Com o passar do tempo, tanto os estudiosos da sociedade brasileira como os militantes do TEN iriam problematizar a farsa da democracia racial nesses trópicos. Essa empreitada não só aparece nas linhas escritas do jornal, que aqui pesquisamos, como se expressa nas encenações e nas atividades culturais propostas pelo grupo liderado por Nascimento.

Em relação ao jornal *Quilombo*, com publicações de 1948 a 1950, trata-se de um periódico cujos objetivos são expressos por meio de um programa de ação:

NOSSO PROGRAMA

Trabalhar pela valorização e valorização do negro brasileiro em todos os setores: social, cultural, educacional, político, econômico e artístico.

Para atingir esses objetivos QUILOMBO propõe-se:

Colaborar na formação da consciência de que não existem raças superiores nem servidão natural, conforme nos ensina a teologia, a filosofia e a ciência;

Esclarecer ao negro de que a escravidão significa um fenômeno histórico completamente superado, não devendo, por isso, constituir motivo para ódios ou ressentimentos e nem para inibições motivadas pela cor da epiderme que lhe recorda sempre o passado ignominioso;

Lutar para que, enquanto não for tornado gratuito o ensino em todos os graus, sejam admitidos estudantes negros, como pensionistas do Estado, em todos os estabelecimentos particulares e oficiais de ensino secundário e superior do país, inclusive nos estabelecimentos militares;

Combater os preconceitos de cor e de raça e as discriminações que por esses motivos se praticam, atentando contra a civilização cristã, as leis e a nossa constituição;

Pleitear para que seja previsto e definido o crime de discriminação racial e de cor em nossos códigos, tal como se faz em alguns estados de Norte-América e na Constituição Cubana de 1940 (NASCIMENTO, 2011 [1950], p. 3).

Diante disso, ressalta-se aqui que o jornal tem um propósito político, mas não é somente essa questão que o compõe. Destacamos que se encontram, nas edições do periódico, vários textos cujos aspectos estéticos e sociais do “projeto Quilombo” são desenhados tanto pelo editor, no caso Abdias Nascimento, quanto por uma rede de intelectuais. Assim, podemos observar, no telar e no tecer dos textos publicados no noticiário impresso, como se constroem as reflexões epistemológicas e estéticas sobre as culturas negras na sociedade brasileira da segunda metade do século passado.

Se folhearmos um exemplar do jornal *Quilombo* poderemos notar os efeitos de sua crítica demolidora. Esse periódico se contrapõe à ordem vigente da metade do século passado: o branqueamento da sociedade brasileira. Em suas páginas aparecem a beleza da negritude brasileira, demonstradas nos mais diversos campos de saberes: nas artes, nas ciências, no esporte e na política.

O Teatro Experimental do Negro se propunha a resgatar, no Brasil, os valores da pessoa humana e da cultura negro-africana, degradados e negados por uma sociedade dominante que, desde os tempos da colônia, portava a bagagem mental de sua formação metropolitana europeia, imbuída de conceitos pseudocientíficos sobre a inferioridade da raça negra. O TEN propunha-se trabalhar pela valorização social do negro no Brasil através da educação, da cultura e da arte (NASCIMENTO e SEMOG, 2006, p.127)

A ordem era aquilombar e resistir. O projeto TEN era de alcance amplo: pretendia dar formação cidadã aos negros brasileiros. Para implementar essa empreitada, o jornal *Quilombo* se consolidou, ainda que por pouco anos, como veículo difusor das ideias e das notícias da cultura negro-brasileira. Assim, podemos afirmar que tanto o grupo teatral quanto o periódico causaram um mal-estar porque, como se estivessem diante do espelho, mostraram a face oculta que a sociedade brasileira tenta esconder: a do racismo.

Nesse diapasão, apontamos aqui o caminho desafiador de explicar um capítulo, há muito tempo atrasado, dos estudos da *intelligentsia*¹ afrodescendente brasileira. Evidenciam-se as maneiras pelas quais os escritores e escritoras negras do Brasil conseguiram preservar e recriar, por meio da escrita em periódicos, uma estética e crítica literárias que divulgassem suas produções artísticas. Além disso, percebe-se que houve um processo de construção da intelectualidade negra e não negra que contribuiu para a consolidação do Teatro Experimental do Negro como projeto de alfabetização de adultos e de ensino das culturas africanas e afro-brasileiras.

É nesse sentido que trilhamos os caminhos da escrita no jornal *Quilombo* para compreender como uma rede de intelectuais contribuía com o projeto de educação cultural do TEN. Além disso, é importante destacar o processo de retomada da produção cultural negra e da luta pelo reconhecimento histórico dessa parcela da população brasileira. Para isso, a escrita no periódico foi fundamental tanto para demonstrar o que se produzia quanto para deixar como registro na memória nacional os embates pelo direito de representar outras epistemologias das tradições africanas na Diáspora, no teatro.

2 O TEN e o Quilombo: rede de intelectuais

No livro *Intelectuales: notas de investigación*, Carlos Altamirano (2006) afirma que o termo “intelectual” é polêmico, sem precisão de um limite, principalmente no contexto dos estudos que buscam compreender sua atuação na sociedade (Cf. ALTAMIRANO, 2006, p. 7). A partir dessa problemática, refletimos sobre o desafio de encontrar um conceito sobre a *intelligentsia* que dê conta da produção cultural e da escrita dos afrodescendentes no Brasil, sobretudo no período de 1940 a 1950.

Certamente, podemos pensar o intelectual como aquele já conceituado por Gramsci (1982), ou seja, tem um papel orgânico na sociedade. Em oposição a esse conceito, Karl Mannheim (1982; 1986) propõe que os intelectuais dão suporte à sua classe, mas o fazem de maneira extrínseca. Assim, percebemos que a atuação de intelectuais no TEN cumpriu o papel orgânico de imersão na comunidade negra para pensar caminhos e estratégias que garantissem a formação nas letras e na cultura da camada social alijada dos direitos básicos de cidadania. E, desse modo, o grupo que refletia sobre a sociedade e organicamente atuava nela, não estava e nem se via distante da realidade. Pelo contrário, se inseria e a criticava desde o seu interior, demonstrando as contradições sociais tanto nas artes, quanto na academia, por exemplo, nos estudos sobre o povo negro.

Igualmente, em nossa tese *Yorubas y bantúes en la discursividad ancestral: estudio comparado de Sortilégio II (1979) de Abdias do Nascimento y de Changó, el gran putas (1983) de Manuel Zapata Olivella (2015)* propusemos um conceito de intelectual que se apropria “de la cultura de corte eurocéntrica para minarla con las voces heterogéneas de los pueblos afros” (p.24). Nesse sentido, O TEN surge como projeto que propõe um retorno à cultura afrodescendente ao reatualizar o teatro nos moldes da tradição ocidental, porém com temas e estruturas herdadas das tradições africanas. No entanto, para efetivar o projeto, era necessária a ajuda, como podemos ver na notícia de 1948:

AMPARO AO T.E.N.

¹ O termo se refere a um grupo de pessoas que desenvolve o trabalho intelectual e dissemina a cultura numa dada sociedade.

A existência material do Teatro Experimental do Negro é um verdadeiro milagre. Ele vive saltando de dificuldade em dificuldade, e cada uma de suas realizações, a montagem e a apresentação de cada uma das suas peças, representa esforço e sacrifícios que quem está de fora dificilmente pode fazer uma ideia razoavelmente próxima da realidade. Os motivos dessa situação estão aí bem vivos e nítidos: o T.E.N. não tem empresários, não conta com auxílio de qualquer espécie, e desde sua fundação, tem se recusado sistematicamente quebrar a linha que se impôs de não representar “chamadas” de fácil vitória de bilheteria.

Há, entretanto, um parlamentar que tem procurado ajudar o T.E.N. Trata-se do vereador Tito Lívio, que em 1947 apresentou um requerimento à Câmara no sentido da Prefeitura colaborar financeiramente com esse grupo. Aprovado pelos seus pares, o Exmo. Sr. recusou-se a dar-lhe qualquer ajuda. Novamente, este ano, o sr. Tito Lívio apresentou àquela Câmara um projeto de lei, o qual, sancionado pelo Prefeito Mendes de Moraes, subvencionava o T.E.N. com Cr\$ 50.000.000, para uma temporada de preços populares. Mas eis que aconteceu o aparentemente impossível: o próprio prefeito sancionou essa lei, nega-se a cumpri-la! E, desta forma, o T.E.N. ficou pela segunda vez sem receber a ajuda votada pelos representantes do povo. Ao lado de Tito Lívio, o vereador Osório Borba também trabalhou para que esses projetos fossem aprovados.

Resta agora ao T.E.N. — já que o Ministro da Educação também não lhe quis ajudar como o fez com os demais grupos de amadores e profissionais — esperar que uma emenda do deputado Sr. Café Filho na Câmara Federal, seja aprovada, consignando no orçamento de 1949, uma pequena ajuda de Cr\$ 30.000,00 a esse bravo T.E.N. (NASCIMENTO, 2011 [1948], p.21)

No cenário da arte, sobretudo quando não se tem a tradição de “quebrar a bilheteria”, os grupos teatrais precisam ser patrocinados. Necessitam de apoio para ultrapassar a barreira da escassez, quando se quer organizar as montagens das apresentações. Não nos esqueçamos de que o TEN, desde seu início, “apresentava-se como um projeto cultural de intenções mais abrangentes, que não se restringiam apenas à área teatral” (MARTINS, 1995, p. 78). Diante disso, inseridos na realidade brasileira, o TEN viu-se diante da insuficiência de apoio, pelo poder público, para montar suas peças. No entanto, a esperança ainda residia na colaboração da Câmara Federal, último reduto na tentativa de seguir o trabalho cultural, além de recorrer aos auxílios de personalidade internacionais. Essa estratégia de solicitar ajuda foi fundamental para se consolidar como projeto político-cultural.

É importante ressaltar que o jornal *Quilombo*, fundado em 1948 por Abdias do Nascimento, vai ser um veículo de divulgação e de ajuntamento dos intelectuais negros e não negros para a promoção da arte, da cultura, da educação e da política elaboradas por mulheres e homens negros do Brasil. Como exemplo disso, podemos ver — na edição número 1, de 1948 — textos publicados de Raquel de Queiroz, Edison Carneiro, Efraim Tomas Bó, Guerreiro Ramos e entrevistas com Nelson Rodrigues, George S. Schuyler, entre outros.

Desses artistas, intelectuais e acadêmicos, destacamos a entrevista de Nelson Rodrigues em que o tema central é o preconceito racial nos palcos brasileiros. Nesse espaço, o escritor ressalta que há, no cenário artístico e cultural desse país, uma situação de subestimar “a capacidade emocional do negro, o seu ímpeto dramático, a sua força lírica e tudo o que ele possa ter de sentimento trágico” (NASCIMENTO, 2011 [1948], p.19). Essa maneira de subestimar e silenciar o negro é fruto de anos de escravização e de racismo perpetrado pelo grupo hegemônico que produziam literatura nesse chão.

Outro artigo importante é o de Raquel de Queiroz, “Arquivo: linha de cor”. Nesse texto, anteriormente publicado na revista “O Cruzeiro” em 24/05/1947 e republicado na primeira edição do jornal *Quilombo*, a escritora ressalta a negação do racismo feita por um escritor, a quem ela se refere de “ilustre confrade”. Na reportagem, Raquel refuta o que foi nomeado, pelo incógnito escritor, de “filosofia da mulataria”, ou seja, o ato de denunciar o racismo no país. Para contestar o colega, a autora faz inúmeras perguntas retóricas, mas com respostas gritantes à sociedade brasileira:

Lembra-se, o meu prezado colega e mestre, de certo requerimento feito pelos comerciantes do chamado Triângulo paulista à interventoria de S. Paulo, em abril de 1944, pedindo que fosse proibido às pessoas de cor o trânsito pela área do citado Triângulo? E lembra-se da intimação feita às sociedades recreativas de cidadão paulistas de cor, ordenando a mudança compulsória das suas sedes sociais para fora da área sagrada — o supradito Triângulo? Será isso simples ‘caso individual’? (QUEIROZ, 2011 [1948], p.20)

A autora explana no texto como o racismo, à brasileira, põe o povo negro em lugar de subjugado e se apresenta evidente nas intimidações e proibições de frequentar lugares, ainda na década de 40 do século passado. Há, nas linhas do jornal, a refutação daquela ideia de que, no Brasil, existia uma “democracia racial”. O que ela argumenta todo o tempo é que o racismo se dava desde as proibições de frequentarem espaços públicos, pelos negros, até a não presença deles nas companhias teatrais. Além disso, no cenário social havia, por parte da classe dominante, a malícia de negar ao povo negro o lugar de sujeitos produtores de epistemologias. Essa negação se apresentava ao afirmar que nesse país não havia racismo e que os sociólogos “importavam” as contradições raciais dos Estados Unidos para cá.

O que chama a atenção no periódico, especialmente nos textos de Nelson Rodrigues e Raquel de Queiroz é dimensão denunciativa. Tal dimensão é a posição que os dois, a partir de sua produção artística e intelectual, dão quando expõem a condição do artista negro ante o preconceito e a discriminação social, política e artística. Por um lado, Rodrigues assevera que o teatro brasileiro precisava descobrir o negro. No entanto, era “preciso que eles não [tivessem] apenas função decorativa, uma ativa, dinâmica, absorvente participação dramática” (2011 [1948] p. 24). Do outro lado, Queiroz afirma que o “lugar do negro é ao sol, e tão bom quanto ao dos outros” (2011 [1948], p. 20). E, assim, tecem os fios discursivos em que, por uma atitude honesta, a intelectualidade nacional precisava refletir sobre essas contradições.

Esses exemplos desenhavam a articulação política entre o TEN e os intelectuais brasileiros que aderiram ao projeto de formação artística e cultural dos negros no cenário nacional. Vale a pena ressaltar que outros movimentos surgiram com o mesmo propósito, entre eles o Teatro Popular Brasileiro, fundado por Solano Trindade (1908-1974).

Podemos perceber no periódico que há, além do ajuntamento de um corpo intelectual em defesa do povo negro e contra o racismo, um projeto que colabora para divulgar o trabalho teatral e isso resulta no surgimento de outras fontes de financiamento para as montagens das peças. Em outras palavras, além da luta contra a discriminação, o TEN teria que dispor de uma força maior para superar as dificuldades do financiamento. Não seria equívoco afirmar que a falta de financiamento, por parte do poder público, era parte de um projeto racista. Não obstante, Raquel de Queiroz assinalou como governo da época, consentia com o racismo:

Fato inconteste é que cada dia vai engrossando mais no Brasil, a casta de reacionários, de racistas de má morte que teimam — eles e não nós — em traçar uma linha de cor neste país. O governo da ditadura estimulava essa gente. E o atual governo parece que ainda não lhe retirou o seu amparo (QUEIROZ, 2011 [1948], p. 20).

Na reportagem “Teatro Experimental do Negro – Breve história dessa importante realização artística e cultural”, o jornal *Quilombo* dá notícia do grupo e apresenta futuros projetos tais como: ‘Aruanda’, ‘Don Perlimplin e Belisa’, ‘Calígula’, ‘O Caminho da cruz’ e ‘Mulato’ (NASCIMENTO, 2011 [1948], p. 7). É importante observar nessa notícia que, depois da montagem de “Imperador Jones” de Eugene O’Neill, o TEN se preparava para outros desafios teatrais, entre eles “Calígula” de Albert Camus.

Já sinalizamos anteriormente sobre a arregimentação de um grupo de intelectuais que colaboram para o sucesso do projeto TEN. Em meio a tantos, destacamos aqui Camus, autor de “Calígula” e O’Neil, criador de “O Imperador Jones”. A montagem das peças necessitava da autorização de seus autores; logo, Abdias do Nascimento tratou de escrever aos mentores do texto teatral, solicitando-lhes a permissão para montar as dramaturgias supracitadas. A resposta à solicitação foi positiva e eivada de votos de sucesso e superação.

No teor das cartas, além da satisfação de ver suas obras encenadas no Brasil, os autores abriam mão dos direitos autorais e felicitavam a empreitada do TEN: “O Sr. Camus ficou muito sensibilizado com o vosso interesse pelo seu ‘Calígula’ e sentirá maior prazer que vós representeis aí no Brasil” (NASCIMENTO, 2011 [1948], p. 7). De igual modo, Eugene O’Neill reconhece o trabalho de Nascimento e compara a dificuldade de se ver pessoas negras representando personagens negros no Brasil com aquela que ocorria nos EUA, especificamente em Nova York, no ano de 1920, que “qualquer parte de responsabilidade era sempre desempenhada por atores brancos pintados de preto” (NASCIMENTO, 2011 [1948], p. 7). O autor norte-americano ressalta que não ocorria isso nos musicais e nas comédias de costumes, porque já se encontravam negros como atores. No entanto, havia uma dificuldade de se ter mais peças escritas por autores negros, bem como a raridade de encontrar personagens que representassem o grupo étnico de seu autor.

Ciente do papel que o TEN desempenhava, O’Neill oferece a colaboração: “Em qualquer situação pode contar sempre comigo para cooperar com vocês porque desejo acima de tudo que o seu teatro tenha bom êxito e longa vida” (NASCIMENTO, 2011 [1948], p.7). Diante disso, pensamos o projeto do teatro para além da formação profissional de atrizes e atores. O TEN se apresenta como desenho de cooperação intelectual que permitirá expressar as epistemologias herdadas da África e o ativismo político-cultural:

A literatura dramática, assim como a estética do espetáculo, fundadas sobre valores e desde a óptica da cultura afro-brasileira, emergiram como necessidade e resultado lógico do exame, da reflexão, da crítica e da realização do TEN. Ele organizou e patrocinou cursos, conferências nacionais, concursos e congressos, ampliando dessa forma as oportunidades para o afro-brasileiro analisar, discutir e trocar informações e experiências (NASCIMENTO, 2019, p.95).

Nessa perspectiva, o TEN conseguiu elaborar concursos, jornal, livros que iriam ser repositórios do conhecimento e dos signos negros que promoviam o embate com a

estética hegemônica. Diante disso, cabe observar que as ações voltadas para educação seriam estratégias de fazer com que parte da população, distante da participação política e não integrada à cena cultural do Brasil, pudesse aprender a ler para reivindicar seu espaço de cidadania e de cultura.

Sem dúvida, a mensagem política do TEN foi sempre ressaltada nas montagens das peças e na maneira orgânica de se inserir na sociedade. Ademais de instaurar, no cenário brasileiro, a estética teatral negra, o grupo liderado por Nascimento politizou as artes e deu um tom artístico à luta política. O recado dado foi que o direito à arte era negado aos negros, assim como outros direitos inerentes aos seres humanos. Porém havia nos sujeitos partícipes do projeto uma força e uma sabedoria indescritível de transformar sonhos em narrativas artísticas. A população marginalizada soube colocar, no tablado, os dramas sentidos e vividos na vida, o que muitas vezes requeria malabarismo artístico para sobreviver.

3 O TEN e a alfabetização de adultos

Ao olharmos para o contexto histórico em que o TEN é fundado e quando o grupo inicia suas ações tanto no plano das artes cênicas como no ativismo pela alfabetização de adultos, sobressalta-nos a curiosidade para entender o pano de fundo da alfabetização no Brasil.

Tab. 1: Analfabetismo na faixa de 15 anos ou mais – Brasil- 1900/2000

Ano	População de 15 anos ou mais		
	Total *	Analfabeta *	Taxa de analfabetismo
1900	9.728	6.348	65.3
1920	17.564	11.409	65.0
1940	23.648	13.269	56.1
1950	30.188	15.272	50.6
1960	40.233	15.964	39.7
1970	53.633	18.100	33.7
1980	74.600	19.356	25.9
1991	94.891	18.682	19.7
2000	119.533	16.295	13.6

Fonte: Tabela refeita a partir dos dados encontrados em: INEP, 2020, p. 6
Nota(*) em milhares

Segundo a tabela acima, a diferença entre as décadas de 40 e de 50 — a primeira com a taxa de analfabetismo de 56,1%, e a segunda com 50,1% — revela que, mesmo apresentando o declínio 5,5% no percentual de analfabetismo entre dois períodos, metade da população brasileira não sabia ler e escrever. Era esse contingente que faziam parte não só do grupo teatral, mas conformava uma massa de homens e mulheres que não dominavam a leitura e a escrita, logo, estavam alijados de uma participação política no país.

Dentro de um projeto maior de possibilitar à população brasileira o acesso ao mundo das letras, a “educação do Teatro Experimental do Negro incorporou ao projeto: a perspectiva emancipatória do negro no seu percurso político e consciente da inserção do mercado de trabalho, na medida em que pretendia formar profissionais no campo artístico do teatro ” (ROMÃO, 2005, p.119). A formação de mão-de-obra para o teatro estava imbuída de um processo de instrução política para o exercício da cidadania. A partir disso, é importante levar em consideração o contexto em que o TEN começa suas atividades e, de igual modo, é fundamental a reflexão sobre a realidade do analfabetismo no país. Vale a pena lembrar que, assim como o TEN em 1944, a Frente Negra Brasileira (FNB), já em 1930, se ocupou da alfabetização de adultos para a participação efetiva na sociedade brasileira.

Outro aspecto importante é que, na notícia “Espírito e fisionomia do teatro Experimental do Negro”, no número 3 de *Quilombo*, em 1949, podemos perceber o objetivo do TEN, quando lemos que a “necessidade da função deste movimento foi inspirada pelo imperativo da organização social da gente de cor, tendo em vista a elevação de seu nível cultural e de seus valores individuais” (NASCIMENTO, 2011 [1949], p. 45). Se por um lado o teatro oportunizava a formação cultural dos indivíduos, por outro tinha a perspectiva de promover, por meio da Educação, estratégias de ascensão social das populações negras, nisso se constituiu a alma do projeto.

Ao reunir os negros através do TEN, Abdias Nascimento pensava em organizar as massas para lograr a transformação da coletividade e da condição social dos sujeitos excluídos da participação política e cidadã do país:

O Teatro Experimental do Negro pertence à ordem dos meios. Ele é um campo de polarização psicológica, onde se está formando o núcleo de um movimento social de vastas proporções. A massa dos homens de cor, de nível cultural e educacional normalmente baixo, jamais se organizou por efeito de programas abstratos (NASCIMENTO, 2011 [1949], p. 45).

No sentido de organização das massas ousamos dizer que Abdias Nascimento e o TEN são a gênese do que mais tarde Nilma Lino Gomes (2018) chamaria de *pedagogia das ausências e das emergências*. Em outras palavras, no seu tempo, o fundador e a entidade fundada lutaram pelo não esquecimento e pela não ausência de uma epistemologia africana da Diáspora que estava todo o tempo no “horizonte das possibilidades” (GOMES, 2019, p.42).

Ao observar o Teatro Experimental do Negro, assim como outros atores sociais do Movimento Negro, percebemos como eles questionaram as bases da sociedade brasileira pois,

enquanto forma de organização política e de pressão social – não sem conflitos e contradições – tem se constituído como um dos principais mediadores entre a comunidade negra, o Estado, a sociedade, a escola básica e a universidade. Ele organiza e sistematiza saberes específicos construídos pela população negra ao longo da sua experiência social, cultural, histórica, política e coletiva (GOMES, 2017, p.42).

No sentido lato, podemos afirmar que o TEN cumpriu seu papel de organização das massas. Ao criar a existência da conscientização do povo negro e pautar a luta pela

educação desse contingente populacional. De certo, modo, a organização teatral cumpria seu papel cultural e político no cenário brasileiro.

É importante ressaltar que houve uma rede de cooperação intelectual para pôr em prática as ações do TEN, conforme afirma Nascimento,

Isto tem sido o T.E.N. desde sua fundação, em 1944, criou aulas de alfabetização e de iniciação cultural, com a colaboração de ilustres intelectuais, como os professores Rex Crawford, então adido cultural da Embaixada Americana, José Carlos Lisboa, da Universidade do Brasil, Santa Rosa, Willi Keller, escritores Raimundo Souza Dantas, Guerreiro Ramos, José Francisco Coelho, Maria Yeda Leite, Irônides Rodrigues e muitas outras personalidades (NASCIMENTO, 2011 [1949], p. 11).

O ajuntamento da intelectualidade permitiu que o TEN se consolidasse como uma entidade com “táticas sociológicas”, nas palavras de Abdias, para alcançar a transformação social. É nesse sentido de ação emergente que o Teatro Experimental do Negro se constituiu como elemento relevante da história da cultura, da educação e da política brasileiras.

O projeto de alfabetizar adultos era garantir a participação política e cultural da população negra nas atividades do TEN que, como afirmou Nascimento, era “um instrumento de decifração do negro brasileiro” (2011 [1949], p. 45). De fato, a ideia era oportunizar o acesso à cultura letrada, uma vez que a parcela da população, isto é, os negros não sabiam ler e escrever.

Diante disso, o “Teatro Experimental do Negro pertence à ordem dos meios. Ele é um campo de polarização psicológica, onde se está formando o núcleo de um movimento social de vastas proporções” (NASCIMENTO, 2011 [1949], p. 45). Eis a fisionomia do projeto criado por Nascimento: primeiro, estudar a situação da população negra. Segundo traçar projetos de ações e assim dar a visibilidade aos povos herdeiros das tradições africanas. Para isso necessitava “ouvir os estudiosos, consultar os entendidos e ouvir os próprios negros (2011 [1949], p. 45).

Assim, reafirmamos que a alfabetização de adultos, pelo TEN, se insere no importante capítulo dos Movimentos Sociais brasileiros cujas pessoas se organizavam para criar estratégias que superassem as dificuldades que passavam, uma vez que o Estado não lhes oferecia as oportunidades e os instrumentos necessários para ascensão social. Daí estudiosos, entendidos e a própria população negra se articularam em rede para superar e conquistar o direito ao saber.

4 À guisa de conclusão

Se há uma coisa a se pensar sobre o papel do Teatro Experimental do Negro no cenário brasileiro é que ele se tornou arauto “da história negra, a favor da cultura negra, a favor de todos os valores positivos que a cultura africana trouxe para o Brasil e continuam até hoje menosprezados, secundarizados, agredidos e folclorizados (SEMOG e NASCIMENTO, 2006, p.123). Nesse sentido, compreender as lutas e as estratégias para inserir a população negra na sociedade brasileira é fundamental para compreendermos o legado sociológico do grupo.

Muito há para estudarmos sobre a História da Educação e da Cultura dos Movimentos Populares Negros. A página do TEN apenas se descortina como um capítulo necessário em nossa sociedade. No entanto, precisamos recuperar as histórias narradas e traçadas pela população negra que estão escritas nas entrelinhas desse país.

Se por um lado tivemos as privações do direito à cultura impostas às populações negras, por outro temos uma legião de mulheres e homens — tais como Maria Nascimento, Ironides Rodrigues, Léa Garcia, Ruth de Souza, entre tantas e tantos — que formaram a rede quilombista com Abdias do Nascimento. Essa reunião de pessoas foi importante para a consolidação do TEN como grupo que atuaria para além da formação teatral, pois o ativismo pela alfabetização era uma condição *sine qua non* para colocar em prática a luta pelos direitos do contingente populacional negro.

De outro modo, a reunião de intelectuais, sobretudo os negros, garantiu, como já sinalizou Abdias do Nascimento, que o TEN pudesse atuar em muitas frentes de lutas: a saber,

tanto denunciava as formas de racismo sutis e ostensivas, como resistia à opressão cultural da branquidão; procurou instalar mecanismos de apoio psicológico para que o negro pudesse dar um salto qualitativo para além do complexo de inferioridade a que o submetia o complexo de superioridade da sociedade que o condicionava (2004, p. 223).

Nesse sentido, a prática de alfabetização de adultos era um projeto de emancipação da população negra. Para alcançar esse feito, era necessário retomar lutas políticas e culturais. A princípio, alfabetizar a população negra era uma condição necessária para que a conquista por direitos fosse iniciada.

Por fim, podemos afirmar que a relevância do Teatro Experimental do Negro para a cultura brasileira reside na tentativa de formar um projeto emancipador e intelectual para as populações negras. Em conjunto com a ideia de formação, seja cultural, seja política, estava a concepção de desenvolvimento de uma coletividade que revisasse as distorções históricas sofridas pelos afro-brasileiros e fomentasse a liberdade espiritual daquela e das futuras gerações.

REFERÊNCIAS

ALBERTO, Paulin. *Termo de inclusão: intelectuais negros brasileiros no século XX*. Campinas: Editora da Unicamp, 2017.

ALTAMIRANO, Carlos. *Intelectuales: notas de investigación*. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2006.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre o azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

CARVALHO, Gilmar Luz de. *A imprensa negra paulista entre 1915 e 1937: características, mudanças e permanências*. 2009. 208 f. Dissertação (Mestrado em História Econômica). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

CHAUI, Marilena. *Intellectual engajado: uma figura em extinção?* Disponível em https://www.ces.uc.pt/bss/documentos/intellectual_engajado.pdf. Acesso em 22 de jun. de 2020.

GOMES, Nilma Lino. O movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos. In: BERNADINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (orgs.). *Descolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p.223-246.

GOMES, Nilma Lino. *O movimento negro educador*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GRAMSCI, Antonio. *Os Intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

HELENA, Lucia (org.). *Literatura, intelectuais e a crise da cultura*. Rio de Janeiro: Contra Capa; CNPQ, 2007.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Mapa do Analfabetismo no Brasil*. Disponível em <http://portal.inep.gov.br/documents/186968/485745/Mapa+do+analfabetismo+no+Brasil/a53ac9ee-c0c0-4727-b216-035c65c45e1b?version=1.3>. Acesso em 14 ago de 2020.

MANNHEIM, Karl. Sociologia da Cultura. In: FORACCHI, Marialice Mencarini (Org.). Karl Mannheim: *Sociologia* - Coleção Grandes Cientistas Sociais - vol. 25, p.101-106. São Paulo: Ática, 1982.

MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

MARTINS, Leda. *A cena em sombras*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

NASCIMENTO, Abdias. *O quilombismo*. São Paulo: Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

NASCIMENTO, Abdias. “Espírito e fisionomia do Teatro Experimental do Negro”. Em *Quilombo*, nº. 3, 1949, p. 11.

NASCIMENTO, Abdias. Nosso programa. *Quilombo*, Rio de Janeiro, janeiro de 1950. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=128600&pesq=>. Acesso em 24 de jun. de 2020.

NASCIMENTO, Abdias. Nós. *Quilombo*, Rio de Janeiro, 09 dez. 1948. Editorial, p. 01. In; NASCIMENTO, Abdias do. *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo; Editora 34, 2011.

NASCIMENTO, Abdias. Teatro Experimental do Negro: trajetória e reflexões. In.: *Estudos Avançados*. Vol. 18. N.º 50. São Paulo: 2004, p. 209-224.

NASCIMENTO, Abdias; SEMOG, Éle. *O griot e as muralhas*. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. *De pele escura e tinta preta: a imprensa negra do século XIX (1833-1899)*. 2006. 197 f. Dissertação (Mestrado em História Cultural). Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

REZENDE de Carvalho. Maria. Alice. “Intelectuales negros en el Brasil del siglo XIX”. Em Altamirano, C. *Historia de los intelectuales en América Latina*, I. La ciudad letrada, de la conquista al modernismo. Buenos Aires: Katz, 2008, p. 312-333.

RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1988.

QUEIROZ, Raquel de. Arquivo: linha de cor. In: NASCIMENTO, Abdias do. *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo; Editora 34, 2011.

RODRIGUES, Nelson. Há preconceito de cor no teatro? In: NASCIMENTO, Abdias do. *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo; Editora 34, 2011.

ROMÃO, Jeruse. Educação, instrução e alfabetização de adultos negros no Teatro Experimental do Negro. In: ROMÃO, Jeruse (org.). *História da educação do negro e outras histórias*. Brasília: MEC, 2005, p.117-1137.

SANTOS, Denilson Lima. *Yorubas y bantúes en la discursividad ancestral: estudio comparado de Sortilégio II (1979) de Abdias do Nascimento y de Changó, el gran putas (1983) de Manuel Zapata Olivella*. 2015. 360f. Tese (Doutorado em Estudos Literários). Universidad de Antioquia, Medellín, Colômbia, 2015.

SEMOG, Éle e NASCIMENTO, Abdias. *O griot e as muralhas*. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1994.

SODRÉ, Muniz. *A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil*. S. Paulo: DP&A, 2005.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 287 p.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. 352p.